

Editorial

O imaginário popular insiste em dizer que o coração é a usina dos sentimentos, e resta à cabeça gerar idéias. Assim, o cérebro se ocupa dos pensamentos, dos raciocínios, das lógicas, das formulações. A mente é a morada da razão e do conhecimento. Pensadores, curiosos, intelectuais e todos aqueles que se ocupam de ler o mundo e a vida com suas mentes habitariam uma dimensão regida pelo cérebro, debelando o caos, sinalizando saídas e projetos.

A educação – campo de atuação e de transformação humana – posiciona-se no centro dessas preocupações, estando certas ou não as intuições do imaginário popular. Para uma revista acadêmica da área da Educação, as pesquisas e reflexões sobre as interfaces com as ciências da mente são mais do que interessantes: são necessárias. Por isso, a **Contrapontos** chega à sua segunda edição deste ano com um respeitável dossiê sobre “Psicologia da Educação, Mente e Cognição”. Até o final de junho, recebemos artigos de todo o país, colaborações com as mais diversas abordagens, material que nos obrigou a destinar praticamente três quartos das páginas seguintes ao eixo temático da edição. Por essa razão, excepcionalmente neste número, deixamos de publicar a seção de resenhas e a entrevista, bem como reduzimos a apenas dois os artigos de outros assuntos.

Ao privilegiar o eixo temático, a **Contrapontos** tenta ao menos contemplar as mais diferentes vertentes de estudos atuais no país tendo como interseção a Psicologia e a Educação. A tarefa não é fácil porque há limite de páginas, porque há a avaliação dos pareceristas e porque ciência se desfaz em ilhas de dispersão, conforme Foucault nos ensina. A unidade é quimera, a dispersão e as lacunas são mais freqüentes. Não à toa escolhemos um eixo temático que pudesse desenhar um arco de cobertura amplo, que não só cobrisse as interfaces entre Educação e Psicologia, mas que ainda conseguisse atrair pontos de fuga de outros campos. Um pouco desse mosaico o leitor terá nas próximas páginas.

O dossiê “Psicologia da Educação, Mente e Cognição”, da **Contrapontos**, começa com Loos em seu estudo sobre o papel das crenças e da emocionalidade na determinação das atitudes no contexto da aprendizagem da matemática escolar. A pesquisa foi aplicada a 94 estudantes de distintas

séries, buscando explorar as crenças de atributos e de utilidade relativas à matemática, o interesse e gosto dos alunos pela disciplina e tendência à ansiedade e sensação de incapacidade do aluno no trato da matéria.

Num enfoque inteiramente teórico, Zanella e Molon enfatizam a necessidade de “*práticas psi* potencializadoras da vida”, comprometidas com novas formas de existência nos contextos educacionais. A crítica das autoras se concentra nas condições (históricas) que reproduzem relações sociais de dominação e opressão, violência e discriminação, o que se traduz em contradições sucessivas do efetivo papel da escola.

No terceiro artigo do dossiê, Vosgerau se volta para as contribuições da psicologia cognitiva para o desenvolvimento da tecnologia educacional, reconhecendo que vem sendo um duro desafio o acompanhamento da técnica pela ciência.

Abrindo ainda mais o leque da diversidade das contribuições desta edição, Carmo e Jimenez reafirmam a importância do resgate da psicologia histórico-cultural a partir de suas bases marxistas, contrapondo-se à inserção da psicologia de Vigotski no âmbito construtivista. Na esteira dos autores proeminentes, Calil converge para Henri Wallon e sua teoria psicogenética. Segundo a autora, domínios como os da afetividade, cognição, ato motor e pessoa são muito úteis para melhor compreender o cotidiano do professor e sua integração com o aluno.

Os próximos três artigos do dossiê dirigem-se para reflexões sobre os esforços na formação de professores. Sayeg, por exemplo, vale-se de sua experiência como educador numa instituição privada do interior paulista. Henriques preocupa-se com os próprios conteúdos da disciplina Psicologia da Educação, defendendo que uma proposta de ementa mescle aspectos teóricos e concepções de alunos sobre o processo de conhecimento e ensino-aprendizagem. André e Placco, em seu texto, investem na demarcação de um campo de estudos sobre a formação de professores, tendo como balizas prioritárias os aspectos psicossociais.

Martinazzo debruça-se sobre o paradigma da complexidade para investigar a construção dos conhecimentos pertinentes na educação escolar. Braz sistematiza o surgimento e desenvolvimento das pesquisas sobre o pensamento do professor, com o objetivo de refletir sobre os processos pelos quais esses profissionais estruturam e organizam seus pensamentos. Segundo a autora, a vantagem na compreensão desse objeto é o fato de o

pensamento constituir um “suporte relevante” para definir atividades, identificar problemas, tomar decisões e, por isso, contribuir para uma melhora na qualidade da prática educativa.

Por falar nisso, outros dois textos compõem o dossiê, salientando cuidados com as práticas pedagógicas. Schlindwein e Soares retornam à formação de professores e tentam ressignificá-la à luz de vivências estéticas experienciadas por doze profissionais da educação básica entre 2004 e 2006. Conforme as autoras, as vivências objetivaram não apenas a tomada de consciência da sensibilidade estética, mas também a elaboração conceitual. Azzi, Almeida e Ferreira, por suas vezes, problematizam o ensino de Psicologia nos cursos superiores, exceto os de Psicologia, com a evidente intenção de convidar para o debate os diversos atores no processo ensino-aprendizagem.

Na seção Outros Artigos, Portugal e Aveleira relatam suas experiências em projeto de aperfeiçoamento da educação infantil em Guiné-Bissau. Não bastasse ser um dos países mais pobres da África, o território focado também não dispõe de formação em educação de infância, fator que dá novos contornos às práticas de apoio ali relatadas.

Na mesma seção, Donaduzzi e Cordeiro registram parte da pesquisa que investigou as representações sociais sobre o que é ser um “bom aluno”, realizada com professores de crianças com 5 ou 6 anos, em Blumenau, Santa Catarina. Entre as conclusões está o fato de que, para as educadoras, a aprendizagem escolar está estreitamente ligada às atitudes e comportamentos das crianças; e esses são condicionados pelo apoio (ou não) que as crianças recebem de suas famílias. Singularmente, as autoras apontam que as professoras não questionaram o papel da cultura escolar na manutenção e reprodução de tais dificuldades.

Na seção Reflexões Acadêmicas, Silva remonta à filosofia hegeliana enxergando nela um instrumental metodológico que sirva como ferramenta de leitura das questões fenomenológicas da educação. Fechando esta edição, Martins Filho detalha sua pesquisa sobre as dinâmicas e as relações entre adultos e crianças, e entre as próprias crianças no interior de uma creche.

Para ilustrar o eixo temático “Psicologia da Educação, Mente e Cognição”, dando a ele o devido destaque, escolhemos como ilustração da capa desta edição o quadro “The Pleasure Principle”, do pintor belga René Magritte.

A pintura de óleo sobre tela é de 1937, e retrata – ao menos em parte – o mais conhecido patrocinador e entusiasta do surrealismo: Edward James. Se vivo, este escocês bem nascido estaria completando cem anos. Mas é a invisibilidade de seu rosto no quadro o que mais chama a atenção: o personagem está bem trajado num terno escuro, com uma mão apoiada sobre a mesa, ao lado de uma pedra. Da sua cabeça, emana um halo de energia fulgurante, iluminando não só a tela, mas também nossas idéias.

Que o leitor de **Contrapontos** possa se energizar com este halo de energia fulgurante no tema da Psicologia da Educação, Mente e Cognição.

Boa leitura!

Comissão Editorial
contrapontos@univali.br